

# damia

REVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIADORA  
REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

damia animas

2010

Anno LVIII Mensile  
n. 11/12 Novembre/Dicembre

Poste Italiane SpA  
Spedizione in Abbonamento Postale  
D.L. 355/2003  
[conv. in L. 30/6/2004 n° 47]  
art.1, comma 2 - DCU Roma

**POBREZA**

**E SOBRIEDADE**



# dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora  
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06  
E-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável  
Mariagrazia Curti

Redação  
Giuseppina Teruggi  
Anna Rita Cristaino

## Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas • Mara Borsi • Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello • Anna Condò Emilia Di Massimo • Dora Eystenstein • Laura Gaeta • Bruna Grassini • Maria Pia Giudici Palma Lionetti • Anna Mariani • Adriana Nepi • Louise Passero • Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez Paola Pignatelli • Lucia M. Roces • Maria Rossi • Bernadette Sangma • Martha Séide

## Tradutoras

*francês* – Anne Marie Baud  
*japonês* - inspetoria japonesa  
*inglês* - Louise Passero  
*polonês* - Janina Stankiewicz  
*português* – Maria Aparecida Nunes  
*espanhol* - Amparo Contreras Alvarez  
*alemão* - inspetorias austríaca e alemã

## EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano, 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 do 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filial de Roma – n. 1/2 janeiro-fevereiro de 2010 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

*Edição em Português*

# SUMÁRIO

**EDITORIAL** *Uma atenção presente* **04**

**ENCONTROS** *Pobreza e sobriedade* **05**

## *Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos*

**O PORQUÊ DE FRANCISCO** *São Francisco de Sales e as FMA* **10**

**RAÍZES DO FUTURO** *Depoimentos que fazem a história* **11**

**AMOR E VERDADE** *Por uma tecnologia humanitária* **13**

**FIO DE ARIADNE** *Da massa para a comunidade* **14**

## *Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos*

**CULTURAS** *A sabedoria da Índia* **18**

**PASTORALMENTE** *Coordenação e testemunho de comunhão* **19**

**MULHERES NO CONTEXTO** *Liderança feminina* **21**

**PALAVRAS-CHAVE** *Comunhão e testemunho* **23**

## *Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia*

**CARA A CARA** *Para abrigar o mundo* **24**

**COMUNICAR A FÉ** *Comunicação divina* **25**

**VÍDEO** *8 – Vocês, o que estão dispostos a fazer ?* **27**

**ESTANTE** *Resenha de vídeos e livros* **29**

**LIVRO** *Oscar Romero, pastor de cordeiros e lobos* **30**

**CAMILLA** *O sonho de Camilla* **32**

## EDITORIAL



# Uma atenção sempre presente

*Giuseppina Teruggi*

Viver relações interpessoais serenas, em reciprocidade, frequentemente torna-se um desafio. Nas famílias, nas comunidades, nas agremiações às vezes vazam tons de pessimismo sobre este tema. Tal pessimismo é próprio dos 'profetas da desgraça', que comprometem seriamente a comunicação, minam aquela necessidade de esperança e de positividade à qual todas geralmente aspiramos. Numa comunidade que se destina a ser fiel ao Evangelho e habitada pela graça, é inconcebível que a esperança seja diminuída, extinta.

Condição para um estilo relacional que alimente vida e esperança é a escolha livre de uma pobreza sóbria, alternativa às provocações de uma "sociedade consumista onde demasiadas coisas se tornam indispensáveis".

Existe uma relação entre pobreza e relacionamento interpessoal?

No texto da Entrevista deste número, observa-se que "a longo prazo, com o espírito de posse sobre as coisas, passa-se inevitavelmente à posse de si com a conseqüente perda da alegria de pertencer ao Senhor e de participar do seu mistério". "Toda forma de pobreza requer um tipo específico de ajuda, mas é preciso reconhecer, na raiz, que não basta dar coisas, é necessário dar-se com bondade, atenção amorosa, serviço humilde em tudo aquilo que pode auxiliar o outro. Parece-me ser esta a premissa para a vivência de relações humanas abertas e livres. Freud argumentava que, para conhecer uma pessoa e encontrá-la, é necessário aproximar-se com "atenção sempre presente". Comentando isso, um Autor moderno destaca que fazer-se pequeno é próprio de quem "alega que não há outro escopo senão a 'vontade pessoal do outro'; todo escopo destes esforços é favorecer a autonomia do outro, e a única intenção consiste em prescindir de si mesmo".

Nesta ótica, é possível ir além do "invólucro duro e insignificante", como o de uma ostra, atrás do qual podem esconder-se pérolas de extraordinário valor. Mesmo depois da casca mais dura, onde uma melhora também é desejável, o caminho mais eficaz é fazer entrar a calma e a clareza em sua vida, a fim de que a confusão, o mal e a dissimulação, possam dissipar-se por si. E isso, em força do clima de respeito, de atenção sempre presente, de calor humano no esforço de um acompanhamento que não substitui o outro. Viver a sobriedade pessoal que supera os protagonismos. Assumir uma pobreza sóbria. Trata-se de acolher o desafio do relacionamento bem sucedido.

*gteruggi@cgfma.org*

## ENCONTROS

# Pobreza e sobriedade

*Mara Borsi, Lucy Roces*

Para aprofundar o tema deste dossiê entrevistamos três consagradas com experiências diferentes. Madre Anna Maria Cànopi, Abadessa beneditina que vive no mosteiro "Mater Ecclesiae" na ilha de São Júlio; Ir. Mary John Mananzan, Filipina, das Irmãs Missionárias Beneditinas, ativamente engajada na luta contra o tráfico dos seres humanos e na promoção da mulher, e Ir. Maria Pia Giudici FMA, fundadora da casa de espiritualidade "San Biagio" em Subiaco.

As entrevistas revelam a ligação entre a pobreza evangélica e um estilo de vida simples, livre, sóbrio a serviço dos outros.

Viver a pobreza na consagração a Deus é uma maneira de viver no mundo e de relacionar-se com os outros, com as coisas e com a natureza.

### **1. Qual é a relação que você vê entre o seu estilo de vida (conselhos evangélicos) e a boa notícia do Evangelho?**

**Cànopi** – Pelo seu caráter de livre escolha, os votos de castidade, pobreza e obediência comportam um caminho de seguimento radical de Cristo e de plena configuração a ele. Constituem a via estreita da morte a si mesmo para renascer em novidade de vida, uma vida plenamente evangélica, irradiando amor puro, livre, gratuito. Para o mundo os votos são um absurdo, para quem é chamado, antes mesmo de serem uma escolha e um empenho, são um dom inestimável.

Na carta apostólica *Vita consecrata*, a configuração a Cristo, que é a essência da vida religiosa, passa exatamente pelo empenho de fidelidade a estes três votos. Se vividos como um vínculo de amor sponsal, imprimem com particular esplendor na alma consagrada a marca da Santíssima Trindade, ou seja, são um «reflexo do amor infinito que liga as três Pessoas divinas» (castidade), «do dom total de si que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem» (pobreza), «da amorosa correspondência das três Pessoas divinas» (obediência).

O contexto social em que frequentemente hoje nos encontramos para viver a própria consagração constitui uma ameaça permanente à coerência da conduta com os votos professados.

Viver a pobreza em uma sociedade consumista, onde muitas coisas se tornam indispensáveis, irrenunciáveis, é heróico.

A longo prazo passa-se inevitavelmente do espírito de posse sobre as coisas à posse de si com a consequente perda da alegria de pertencer ao Senhor e de participar do mistério de seu despojamento e oblação.

**Mananzan** – O único estilo de vida confiável para um cristão e muito mais para quem vive a consagração é o do Bom Samaritano. Tão vazio de si mesmo e por isso capaz de perceber o sofrimento e a dificuldade dos outros.

**Giudici** – A boa notícia do Evangelho é substancialmente esta: "Deus amou tanto o mundo que enviou o Seu Unigênito, para que quem nele crê seja salvo". Salvo de quê? Da falta de sentido e daqueles apegos (posse das coisas e pessoas) que pedem o coração e impedem de se deixar salvar. Deste ponto de vista decidir-se por uma vida comunitária marcada pela pobreza, castidade, obediência significa entrar no exercício cotidiano de deixar a posse das coisas (pobreza), das

peças (castidade) e do poder do ego (obediência), para cantar a vida como os passarinhos que não semeiam nem ceifam mas Deus pensa neles.

## **2. No que diz respeito à pobreza e à solidariedade, que testemunho evangélico uma comunidade religiosa poderia oferecer em um mundo às vezes oprimido por tanta miséria?**

**Cànopi** – Arranhacéus e favelas, luxo desenfreado e miséria atroz, comida jogada fora e pessoas morrendo de fome: contraste assustador que já está na mídia, aos olhos de todos. Todavia, esta amarga constatação é ainda a menos grave; existem, de fato, muitas formas de pobreza escondida, mas não menos dramática: trata-se da pobreza espiritual que leva o homem a perder o sentido da vida. Realmente, as pobresas mais esquálidas podem esconder-se sob as mais vistosas riquezas. Toda forma de pobreza requer um tipo específico de ajuda, mas é preciso reconhecer, na raiz, que não basta dar coisas, é necessário oferecer-se a si com bondade, atenção amorosa, humilde serviço em tudo aquilo que pode auxiliar o irmão, reconhecendo, em primeiro lugar, em cada homem um irmão.

Neste contexto as comunidades religiosas têm um vastíssimo apostolado a desempenhar, não só pondo-se diretamente a serviço dos últimos, dos pobres, dos abandonados, mas também, e principalmente, através do ministério da oração e do conforto. As comunidades religiosas podem tornar-se uma tenda hospitaleira, a “tenda da reunião” que propicie o encontro dos homens com Deus, através do serviço de hospitalidade, da partilha da oração coral e da *lectio divina*, dos colóquios e dos retiros espirituais. A nossa experiência nos mostra que são sempre mais numerosos os “pobres” que pedem hospedagem e vêm buscar no mosteiro aquele alívio que Jesus oferece aos cansados e aos de espírito oprimido. Muitas vezes também batem à porta do mosteiro pessoas necessitadas de restauração física e psicológica, porque estressadas pelo barulho e pelas múltiplas tensões do ambiente em que vivem. A todos serve como terapia a paz que brota de uma vida em comum fundada e construída sobre a caridade de Cristo.

**Mananzan** – O sofrimento das mulheres desafia e interpela continuamente minha vida e a vida da minha comunidade. Participar em programas contra o tráfico dos seres humanos e trabalhar pelo resgate das vítimas da prostituição e dos abusos ofereceu um sentido mais profundo à minha consagração. O modo radical com que alguns leigos se empenham na busca da Verdade desafia-me a viver os votos, em particular a pobreza, com maior radicalidade. A minha comunidade também está envolvida ativamente nessas ações de sensibilização e de contestação aos abusos e à violência. Expressamos nossa solidariedade com os pobres e com os perseguidos através do testemunho comunitário da pobreza e da compaixão.

**Giudici** – O testemunho evangélico a ser oferecido parece-me que nasce quando se leva a sério a palavra evangélica: “O que você tem em excesso, dê aos pobres”.

A nossa política não pode ser a das formigas com estratégias de acúmulo diligente. Se, trabalhamos como todos, (longe de nós ócio com aparência de devoção) a estratégia certa é ver, em concreto, o que é para ser gerido pelo bem comunitário e decididamente o que deve ser doado, talvez entrando em contato com determinados ambientes de missão onde a pobreza material “grita”.

## **3. Qual a ligação entre a pobreza, o serviço e a identidade cristã?**

**Cànopi** – A verdadeira identidade do cristão é a sua plena configuração a Cristo que, para salvar-nos, «mesmo sendo de natureza divina..., esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo» (Fil 2,6-7). Em Cristo, pobreza e serviço coincidem. Ele é o nosso modelo.

Durante a última Ceia, depois do humilíssimo gesto de serviço, o lava-pés, disse aos seus discípulos: «*Eu lhes dei o exemplo, para que assim como eu fiz, vocês também façam*» (Jo 13, 15).

Então, configurar-se a Cristo significa saber dizer com espontaneidade, nas situações concretas em que se vive e se trabalha: «*Eu vim para servir, não para ser servido*» (cf. Mt 20,28). De fato, para

que a configuração a Cristo seja autêntica, é necessário que a vida inteira – não só alguns aspectos ou momentos dela – seja vivida como “serviço”, colocando-se sempre à disposição pelo bem dos outros, antes, tornando-se um bem para os outros. Trata-se não só de fazer alguma coisa a favor dos outros, mas de ser pessoa *para os outros*, como Jesus é “para nós”.

Isso exige uma escolha de pobreza radical; a pobreza própria de quem está disposto a negar-se a si mesmo pelos outros, antepondo-os a si. As consequências são verdadeiramente revolucionárias, daquela revolução pacífica que é a vida evangélica. De fato, quem vive para se colocar ao serviço dos outros evita, de todo modo, entrar em competição e em rivalidade com os irmãos e irmãs, não age sob o impulso da ambição e do egoísmo, foge à hostilidade, à violência, à agressividade; não alega direitos para si, não se preocupa com a retribuição por aquilo que faz. A identidade do Cristão – e muito mais a dos consagrados – deve caracterizar-se por uma *superabundância de amor*, que faz o bem gratuitamente, custe o que custar e sempre, sem medo de “perder”. Antes, precisamente na consciência de que quando os outros não retribuem o bem recebido, ganha-se mais no plano espiritual, porque aumenta a configuração a Cristo. Com os olhos fixos em Jesus, não se pode mais contentar-se de chegar somente “até certo ponto”, pois ele não parou na subida do Calvário, mas serviu a humanidade até ser levantado na cruz. Do exemplo de Jesus nasce a força para superar as medidas e as “conveniências” humanas, aceitando não só o cansaço, mas também as humilhações que muitas vezes o serviço comporta. Para servir os outros é preciso fazer-se verdadeiramente pequeno, pobre, humilde, até realmente conseguir colocar-se aos seus pés, a exemplo de Cristo.

E este é o segredo da verdadeira santidade.

***Mananzan*** – O Evangelho se resume no amor a Deus e ao próximo até o sacrifício da própria vida. Viver assim constitui a identidade cristã que requer, a exemplo de Jesus, esvaziar-se de si mesmo.

***Giudici*** – Penso, naturalmente, em Jesus, o pobre por excelência, que, sendo Deus, despojou-se da glória divina, para viver como servo: “Eu estou entre vocês como aquele que serve”.

Se realmente, através da Palavra de Deus que medito, rezo e procuro viver no cotidiano, deixando-me plasmar de modo a assemelhar-me de alguma forma a Jesus, “servo de Jahvé”, torna-se claro o que sou chamada a ser, isto é, caibo na minha verdadeira identidade de mulher cristã e religiosa.

#### ***4. Em que erros uma comunidade religiosa poderia incorrer por causa de uma redutiva interpretação da pobreza?***

***Qual é o estilo ao invés de sobriedade que leva à partilha e à alegria?***

***Cànopi*** – Na Igreja há diversos modos de realizar o ideal da pobreza segundo a espiritualidade da família religiosa à qual se pertence.

Porém, permanece verdadeiro para todos que a pobreza para ser autenticamente evangélica não pode ser reduzida ao aspecto apenas material, mas deve sempre ser reconduzida à sua raiz espiritual, que é a renúncia a autopossuir-se. É neste nível de pobreza que a “falta de alguma coisa” torna-se fonte da mais pura alegria: a alegria de pertencer totalmente ao Senhor e de depender de sua providência. Trata-se da pobreza de espírito da qual Jesus fala como de uma “bem-aventurança”.

A pobreza do monge fiel à Regra de São Bento tem seu fundamento na renúncia à própria vontade, pelo caminho da obediência e da unificação interior. São Bento não esconde ao monge que o percurso a ser feito para alcançar esta “simplicidade” de coração, esta infância espiritual, é difícil e cansativo e requer ascese, vigilância, luta contínua contra o pecado, em particular contra o “vício” de querer possuir, raiz de tantos males e de tantas dificuldades para a vida pessoal e comunitária (cf. Regra, c. 33,1).

A razão da completa renúncia a possuir está na oblação total que o monge fez de si mesmo a Deus. Realmente ele «nem tem o direito de dispor do próprio corpo e da própria vontade» (RB 33,4).

Tal renúncia a todos os bens é feita para sempre no momento da profissão solene, todavia, para que permaneça pura e total, é continuamente renovada. É propriamente neste cotidiano desapego de si que nasce e cresce a "virtude" da pobreza.

Na realidade, é o Espírito Santo que nos concede o "dom" de ser pobres, porque é ele que nos concede o dom de amar e portanto de nos doar, de despojar-nos de nós mesmos para completar os outros e ser por eles completados.

O monge tem consciência de que tudo quanto recebe é fruto do trabalho, do esforço e da generosidade de muitas pessoas. Então, no pão que diariamente come, humildemente pode descobrir um tesouro precioso e experimentar um sabor mais intenso, que não só alimenta o seu corpo, mas também enriquece o seu espírito.

Ele vive assim na alegria da comunhão e da partilha, na alegria de ter tudo em comum com os irmãos e de se tornar ele mesmo um "bem comum", à disposição dos outros: trata-se da mesma alegria que animava a primeira comunidade cristã (cf. *Atos dos Apóstolos 2, 44-47; 4, 32-35*).

**Mananzan** - A pobreza em si mesma não é uma virtude. O desapego, o estilo de vida simples, a prontidão para compartilhar o que se tem e o que se é, a compaixão para com os mais pobres, isso sim é virtude.

De fato, na ONG que dirijo trabalhamos para que os pobres possam alcançar um nível de vida mais humano e sejam capazes de prover suas necessidades de base participando assim do compartilhamento dos bens da terra que são destinados a todos por Deus.

Na sociedade atual caracterizada pelo consumismo deveremos estar sempre atentos para distinguir entre "necessidades" e "desejos".

**Giudici** – Há uma renúncia pessoal à posse das coisas. É razoável. Mas é perigoso obter tudo da comunidade com o seguinte pretexto: "Tanto, não é meu aquilo que pedi". Você pode estar construindo um "ninho" com todo *comfort* com esta pouca clareza de consciência. O estilo de sobriedade ao invés passa pela persuasão de que é possível renunciar a muitas coisas e coincide com a alegria da liberdade de exigências inúteis que turbinam o nosso espírito.

##### **5. Quais percepções você tem atualmente da relação entre pobreza, liberdade e poder?**

**Cànopi** – A resposta a esta pergunta é a síntese de tudo quanto já disse: onde a pobreza é autenticamente evangélica há certamente liberdade: liberdade das amarras do egoísmo e da ganância, das vantagens próprias ou dos programas mesquinhos de vida, das preocupações mundanas; mas sobretudo há a liberdade para oferecer-se totalmente, para percorrer o caminho dos mandamentos divinos não onerados com cargas desnecessárias, para se reconhecer como filhos amados de Deus. Daqui resulta que o poder – toda forma de poder – vai perdendo o seu encanto, enquanto vai adquirindo valor, a possibilidade de servir os irmãos e, deste modo, de poder, através deles, agradecer ao Pai, que por meio do Filho nos reabriu as portas do céu e que no Espírito nos guia pela estrada do amor verdadeiro, único tesouro que vamos encontrar na vida eterna.

**Mananzan** – Defender os direitos dos mais pobres e combater a corrupção e a prepotência liberta das próprias preocupações, coloca em risco a própria vida, e o único poder que se pode exercer é sobre a própria decisão de doar-se livremente por amor.

**Giudici** – Vivendo por graça de Deus, num ambiente simples, numa antiga casa de montanha, não tenho uma percepção precisa da relação entre pobreza, liberdade e poder. Às vezes, porém, permanecendo em outros ambientes por qualquer necessidade, tenho a sensação de que são excessivamente cuidados e super decorados parecendo não tocar a pobreza e a sobriedade.



### **Anna Maria Cànopi**

Escritora muito fecunda e profunda erudita na literatura dos padres da Igreja, é autora de muitos livros sobre a espiritualidade monástica e a espiritualidade cristã. Colaborou na edição da Bíblia da CEI, no catecismo da igreja católica e na edição dos novos missais e lecionários. Preparou o texto da *Via Crucis* de João Paulo II no Coliseu, em 1993. Em 1995 interveio no Congresso da Igreja italiana de Palermo e levou o seu testemunho de monja beneditina ao Convênio dos jovens europeus realizado em Loreto.

### **Mary John Mananzan**

Em 1980 fundou a ONG *Filipina* que tem o escopo de promover a dignidade da mulher e a sua participação na vida pública. Em 1985 fundou o *Instituto of Women's Studies*, o primeiro nas Filipinas, vinculado ao *St. Scholastica's College*. Em 1986 tornou-se presidente de *Gabriela*, uma associação que combate o tráfico das mulheres e das crianças, a prostituição e os matrimônios encomendados.



### **Maria Pia Giudici**

FMA. Foi professora de letras e se interessou pelos problemas educacionais com relação à mídia.

Uniu a estas atividades a de publicitária colaborando com diversas revistas e escrevendo vários livros. Há muitos anos vive em S. Biagio, um dos primeiros doze pequenos mosteiros do Ocidente.

Com outras irmãs dedica-se ao aprofundamento orante da Palavra, acolhendo quem quer abrir-se a esta experiência no Espírito. Há trinta anos oferece, sobretudo aos jovens, possibilidades para libertar-se das escórias da vida, na paz da Criação que fala.

Mara@cgfma.org  
amministratoreweb@cgfma.org

## O PORQUÊ DE FRANCISCO

# São Francisco de Sales e as FMA



*Graziella Curti*

**Dom Bosco quis que também no Instituto das FMA se conservasse a referência explícita e vital a São Francisco de Sales. Piera Cavaglià, através de um estudo atento, nos mostra as mais significativas fontes a este respeito. Seguindo suas indicações, poderemos descobrir o porquê e como nosso fundador o escolheu para patrono do nosso Instituto.**

### Desde as origens

Mornese 1872. Dom Pestarino, depois de ter falado com Dom Bosco, reúne as Filhas da Imaculada para um discernimento sobre a sua vocação. Diante das Regras propostas, cada uma devia decidir se se sentia chamada à nova instituição.

«Em 29 de janeiro [1872], festa de São Francisco de Sales [Dom Pestarino] executou tudo quanto lhe fora sugerido pelo seu superior. Sem nada dizer a pessoas estranhas, reuniu as moças que moravam na casa vizinha à igreja, com todas as outras do lugar; tendo dito tudo quanto Dom Bosco lhe havia aconselhado que falasse, depois de recitar o Veni Creator Spiritus com o Crucifixo exposto sobre uma mesinha entre dois castiçais acesos, passou à votação. Estavam presentes vinte e sete Filhas da Imaculada e Angela Maccagno recebeu o encargo de ser a escrutinadora».

Este e outros momentos decisivos para a nova instituição realizaram-se sob a proteção de São Francisco de Sales. Assim também o dia da primeira Profissão religiosa das FMA (5 de agosto de 1872). O pai e fundador lembra São Francisco de Sales como modelo de delicadeza de trato às primeiras religiosas do novo Instituto. As primeiras Regras de 1878 contêm várias referências a São Francisco de Sales: sua *Filotea adaptada à juventude* é indicada entre os textos para a leitura espiritual. Prescreve-se de celebrar “com particular devoção e solenidade as festas de São José, São Francisco de Sales, Santa Teresa que são os Patronos particulares do Instituto”.

### Formadora afável e cheia de bondade

Nos artigos das Constituições sobre a Mestra das noviças, inseridos por Dom Bosco e fruto de uma longa e ponderada revisão, encontram-se referências implícitas, mas evidentes, a São Francisco de Sales quando se trata da figura da formadora que deve ser “afável e cheia de bondade” e quando se descreve o espírito do Instituto: «Não se esqueça de que o espírito do Instituto é espírito de caridade e de doçura, espírito de abnegação e de sacrifício, por isso procure informar-se e animar as Noviças com este espírito, a fim de que, depois de professoras sejam capazes de ser hábeis instrumentos da glória de Deus e da salvação das almas». No prólogo das nossas Constituições Dom Bosco elenca as *Virtudes propostas à formação das Noviças e à prática das Professoras*. Particularmente, deste texto pode-se deduzir que se refere indiretamente a Francisco de Sales quando recomenda a caridade voltada à educação da mulher. Os adjetivos com os quais é apresentada são significativos, bem como a finalidade: «*Caridade paciente e zelosa* não só com a infância, mas também com as jovens solteironas e com qualquer pessoa, com o objetivo de fazer o maior bem possível às almas». A síntese de vida entre contemplação e ação, entre Marta e Maria, que conclui o texto, torna-se referência, mesmo indiretamente, ao Bispo de Genebra que era capaz de conjugar, com grande equilíbrio, ação apostólica e união profunda com Deus.

Pode-se entrever uma evidente e talvez intencional referência aos motivos da escolha de São Francisco de Sales como patrono da Congregação: mansidão e doçura, zelo pela salvação das almas através do exercício da caridade, síntese entre contemplação e ação.

### São Francisco de Sales, hoje

Nestes últimos anos, o Instituto das FMA está procurando recuperar a “raiz salesiana” do carisma graças aos múltiplos estímulos que nos foram dados sobretudo por Madre Antônia Colombo, que em suas numerosas circulares mencionou São Francisco de Sales como modelo de vida e de metodologia educativa. É significativa a afirmação densa e rica de referências de sua circular de 24 de dezembro de 1997: «Dom Bosco quis como modelo e protetor de sua missão entre os jovens o incansável Bispo de Genebra Francisco de Sales, que abriu para todos, sem distinção, os caminhos da ascese cristã mostrando a essência da vida espiritual no amor de Deus (Teotimo).

Nosso fundador inspirou-se no seu humanismo e sobretudo na sua vida de homem manso de coração, animado pelo espírito de doçura, mestre seguro de vida no Espírito mediante suas atitudes pessoais, sua palavra e seus escritos. O amor à Igreja, alimentado pela fé no Espírito que age na história, levou-o a valorizar os novos meios de comunicação social para dialogar com a cultura de seu tempo e permear com os valores evangélicos as estruturas sociais, tornando-as mais humanas».

Também no Projeto formativo do Instituto são numerosas as referências ao nosso protetor. Ultimamente, na apresentação dos Atos do Capítulo Geral XXII, Madre, Ir. Yvonne Reungoat indicando como raiz da paixão carismática o amor, lembra-nos daquele mesmo “amor que permeou a existência de São Francisco de Sales”.

*m.curti@cgfma.org*

---

## RAÍZES DO FUTURO

# Depoimentos que fazem a história

**Anita Deleidi**

### **Das “exiladas na ilha das Flores” (14-12-1877) uma herança que perdura no tempo**

«Cara Madre, demoramos até agora para lhe escrever por causa do mal de mar que nos tem molestado... Saiba então, querida Madre, que a viagem foi felicíssima, nem tenho palavras para lhe dizer... Depois do café da manhã íamos ao convés, e lá não quero dizer-lhe que trabalhássemos, pois, uma sentia a cabeça girar, outra sentia enjoo de estômago, e assim não podíamos trabalhar. Na maioria das vezes oferecíamos o trabalho ao Senhor e dormíamos... No entanto, fizemos o catecismo...»<sup>1</sup>. Depois de um mês de viagem, as primeiras notícias das missionárias “em quarentena” na ilha das Flores, pouco distante de Montevidéu, chegam a Mornese. Um diálogo espontâneo, familiar, quase ingênuo: «Chamam-na de ilha das Flores, mas são três ilhas unidas: na primeira estão outros “em quarentena”; na segunda, cheia de caracóis e de cobras - que flores! – estamos nós. A terceira está povoada de coelhos, de gaivotas e de vacas». Mas não desanime se aqui – escreve o bom Costamagna – não se ouve falar de outra coisa senão de interesses: «É preciso trabalhar e sofrer em busca dos próprios interesses e nós, o que deveremos fazer pelo grande interesse do Paraíso?»<sup>2</sup>.

A semente do carisma educativo, cheio de sonho de vida, de paz, de atenção à pobreza juvenil de sempre, cai numa terra sequiosa de vida e de justiça. Terreno fértil, embora agressivo, mas fecundo. A simplicidade, a cordialidade, a hospitalidade próprias da cultura uruguaia facilitam a inculturação do espírito mornesino que envolve de alegria os múltiplos sacrifícios e a extrema pobreza das origens. «Onde estamos? Estamos na casa das irmãs, assim nos disseram; de fato, primeiro avistamos uma casinha no meio de um bosque pequeno, e depois as irmãs que vieram correndo ao nosso encontro. Fizeram-nos todos os cumprimentos possíveis à moda italiana e americana, e se seguiram dois dias de festa»<sup>3</sup>.

Um estilo de relacionamento, que caracteriza a *Mornese americana*<sup>4</sup> e que permanece no tempo: *Cheguei ao Uruguai como missionária em 1955. Ninguém me conhecia e eu não conhecia ninguém, porém todas me acolheram e me estimularam, apesar da minha pobreza (...). A diretora,*

*Ir. Iris Piccini, fez-me sentir que me queria bem; acredito que este espírito de acolhida seja próprio do modo de ser das uruguaias.*<sup>5</sup>

Antes da publicação das cartas de Madre Mazzarello – testemunham as irmãs uruguaias no primeiro volume daquela interessante publicação intitulada *Mujeres que hacen historia*<sup>6</sup> – não se conhecia em profundidade o estilo de animação comunitária que traduz ao feminino o Sistema Preventivo e o enriquece com aportes originais<sup>7</sup>. No entanto várias irmãs – não somente no tempo das origens – por muitos anos encarnaram o estilo de maternidade próprio de Madre Mazzarello e das primeiras irmãs: «*Eu fiz profissão em 1963 e experimentei a alegria de partilhar a missão com as irmãs. Trabalho e oração forjaram em mim a mulher forte do evangelho. Como numa família, não faltaram dificuldades, porém, o amor era mais forte, compartilhávamos tudo. Ajudava-nos a diretora Ir. Ernestina Carro, pela qual cada uma se sentia amada e valorizada*».<sup>8</sup>

«*Comecei como aluno e agora sou animador em um colégio das FMA. O clima de suas casas é especial para o amadurecimento das pessoas. O Sistema Preventivo apresenta um aspecto particular porque o rosto do amor feminino, creio eu, o potencia ainda mais e também a Razão – do ponto de vista feminino – tem outro modo de se manifestar*».<sup>9</sup>

Mesmo se nem todos os depoimentos possam confirmar sempre esta constante amabilidade educativa<sup>10</sup>, a necessidade de viver fielmente o espírito mornesino, numa atenção constante ao contexto sociocultural, continua a permear os novos caminhos, discernindo, experimentando, sofrendo e penetrando passo a passo a busca dos novos caminhos: «*Atualmente estou numa comunidade de Rivera, posso afirmar que foram feitas muitas mudanças e a vida está se desenvolvendo num contexto muito diferente... com maior participação à vida da região e das pessoas*».<sup>11</sup>

«*Viver e relacionar-se com o povo exige um contínuo desapego e o exercício do discernimento evangélico e da solidariedade. Tudo isso desperta em todas nós a capacidade de compartilhar, de dialogar, de expressar-se com liberdade, de tomar decisões conjuntamente e de crescer no espírito de família*».<sup>12</sup>

A simplicidade, o espírito de sacrifício, mas também a coragem, a visão clara e aberta, a capacidade de escuta, de solidariedade de Ângela Vallese, Giovanna Borgna, Ângela De Negri, Teresina Mazzarello, Teresa Gedda, Ângela Cassulo... abriram o caminho para a comunidade profética, firmada na relação profunda com Cristo e na atenção concreta às pobreza de uma cultura marcada pelo laicismo e o racionalismo.<sup>13</sup> «*Tenham coragem, minhas boas irmãs, Jesus deve ser toda a sua força*»,<sup>14</sup> encorajava a Madre: a profecia do carisma requer mística e competência para testemunhar hoje a fidelidade a um projeto de Deus que se realizou no tempo. Uma entrega vivida nos limites da pobreza mas unificada no único *movimento de amor* que nos torna "**proféticas porque místicas**".<sup>15</sup>

<sup>1</sup> Carta das primeiras missionárias a Madre Mazzarello, 14 de dezembro de 1877, em CAVAGLIÀ P. e COSTA A. (aos cuidados de) *Orme di vita tracce di futuro* LAS Roma 1996, 205

<sup>2</sup> Ivi 209

<sup>3</sup> Carta de Ir. Virgínia Magone a Madre Mazzarello, 2 de fevereiro de 1879, in *Orme*, 273

<sup>4</sup> Assim se define a Inspetoria Uruguia por ter recebido as primeiras missionárias de Mornese: cf INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA, *Mujeres que hacen historia 1*, 25

<sup>5</sup> Depoimento de H.P.M. relatada em *Mujeres*, 30

<sup>6</sup> Publicação com 14 textos que reconstrói a memória histórica das inspetorias da América Latina através de uma metodologia investigativa que envolveu diretamente as comunidades abrindo perspectivas de futuro na fidelidade ao carisma das origens.

<sup>7</sup> *Mujeres* 27

<sup>8</sup> Depoimento de H.R.P. em *Mujeres*, 28

<sup>9</sup> Depoimento de P. B. em *Mujeres*, 29

<sup>10</sup> Ivi, 29

<sup>11</sup> Depoimento de H.M.L. em *Mujeres*, 41

<sup>12</sup> Depoimento da comunidade de Paisandù em *Mujeres*, 139

<sup>13</sup> Cf *Mujeres*, 106

<sup>14</sup> Carta 22 a Ir. Ângela Vallese, 9 de abril de 1879

<sup>15</sup> Circular 912

## AMOR E VERDADE

# Por uma tecnologia humanitária

*Julia Arciniegas, Martha Séide*

O desenvolvimento hoje está intimamente ligado ao *progresso tecnológico*, com suas aplicações no campo biológico.

Todavia a técnica é um fato profundamente humano, ligado à autonomia e à liberdade do homem. A técnica permite dominar a matéria, reduzir os riscos, poupar trabalho, melhorar as condições de vida.

Ela responde à vocação do trabalho humano: na técnica, vista como obra genial, o homem reconhece-se a si mesmo e realiza a própria humanidade. O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia da autosuficiência da mesma técnica quando o homem, questionando-se somente sobre o *como*, não considera os muitos *porquês* pelos quais é levado a agir.

É por isso que a técnica pode parecer ambígua.

### Releiamos a encíclica

A técnica, em si mesma, é ambivalente (n. 14).

Não é *suficiente progredir do ponto de vista econômico e tecnológico*; é preciso que o desenvolvimento seja, antes de tudo, verdadeiro e integral (n. 23).

O desenvolvimento dos povos degrada-se, se a humanidade pensa poder recriar-se valendo-se apenas dos "prodígios" da tecnologia (n. 68).

A técnica insere-se na ordem de "cultivar e guardar a terra" (Gn 2, 15) que Deus confiou ao homem. Nela o homem reconhece-se a si mesmo e realiza a própria humanidade (n. 69).

Os meios de comunicação social, graças ao desenvolvimento tecnológico, podem tornar-se *ocasião de humanização* à luz de uma imagem da pessoa e do bem comum que traduza os seus valores universais (n. 73).

*Fascinada pela pura tecnologia, a razão sem a fé está destinada a perder-se na ilusão da própria onipotência* (n. 74).

### Perguntemo-nos

A liberdade humana é autêntica apenas quando responde ao fascínio da técnica com decisões que sejam fruto da responsabilidade moral.

*Quais condições favorecem em nosso ambiente educativo o processo da educação para a liberdade?*

Uma inteligência capaz de pensar na técnica e de colher o sentido da ação plenamente humana é chave para o desenvolvimento.

*Quais elementos impedem uma ação plenamente humana?*

A mídia pode constituir uma válida ajuda para fazer crescer a comunhão da família humana e o *ethos* da sociedade, quando se torna instrumento de participação na busca comum daquilo que é justo.

*Como valorizamos as novas tecnologias em nossas atitudes cotidianas e em nossa ação educativa?*

### Em ação

Alguns passos para tornar operativo o aprofundamento feito:

Quando prevalece a absolutização da técnica realiza-se uma confusão entre fins e meios.

*Verifiquemos quais são as condições que estão na base das propostas que oferecemos em nossa missão educativa.*

O progresso tecnológico exige o empenho de pessoas retas, de operadores econômicos e políticos que vivam forte e conscientemente o apelo ao bem comum.

*Relendo algumas informações provenientes dos vários contextos, sublinhemos os traços que evidenciam a busca do bem comum.*

O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia da autosuficiência da técnica quando o homem, questionando-se somente sobre o *como*, não considera os muitos porquês pelos quais é levado a agir

*Identifiquemos algumas motivações mais frequentes das nossas ações pessoais, comunitárias e apostólicas.*

*j.arciniegas@cgfma.org, mseide@yahoo.com*

### ***Novas tecnologias ajudam alunos com deficiência***

*Favorecer as atividades didáticas e aumentar as oportunidades aos alunos com deficiências e distúrbios de aprendizagem. São estes os pilares do projeto 'Novas tecnologias' iniciado nas escolas de Parma para o triênio 2010-2012. No momento, em sua segunda edição e gerido pelo centro provincial de documentação para a integração escolar, profissional e social, o projeto é destinado a professores, pais e operadores sócio-assistenciais que, por sua vez, 'vão à escola' para aprender a usar programas de informática capazes de ajudar os jovens em apuros. Com o novo acordo prossegue a experiência que havia sido iniciada apenas a título de experimentação, há três anos atrás, e que já envolveu cerca de mil pessoas. Nestes anos procurou-se 'humanizar' a tecnologia, tornando-a, o quanto possível acessível a todos para torná-la uma ajuda real aos estudantes portadores de deficiência. Auxílios software e hardware, sempre mais inovadores, continuarão a servir de instrumentos para favorecer sua integração escolar e não só. As tecnologias sozinhas não serviriam para nada, antes, poderiam vir a ser um empecilho a mais. Por isso criou-se uma rede entre famílias, escolas e instituições, que permita um intercâmbio de preciosos conhecimentos e competências.*

*<http://www.disabili.com/scuola-a-istruzione/20388-ausili-informatici-per-lintegrazione-scolastica>*

## **O FIO DE ARIADNE**

# **Da massa para a comunidade**

***Mara Rossi***

Um fenômeno social que ultimamente tem causado muita discussão e despertado perplexidade considerável é a globalização. Este fenômeno, apresenta com as situações positivas, também aspectos problemáticos. Um desses é a **massificação**. Ela, relativizando, ocultando e fazendo gradualmente desaparecer algumas diferenças, pode levar à perda da identidade pessoal e social, à perda do sentido da própria dignidade, da responsabilidade e da capacidade projetual.

As pressões tendentes a massificar não são uma novidade. Desde que mundo é mundo, as culturas, as religiões, os costumes, as classes sociais mais poderosas, as raças, induziram, favoreceram, perpetuaram alguns modos de ser e de fazer e inibiram, vetaram outros. A diferença é que, enquanto as pressões de antigamente variavam de grupo para grupo e se baseavam em valores humanos reais ou considerados como tais, atualmente tendem a ser planetárias, iguais para todos e muitas vezes objetivando o consumismo.

Um dado muito evidente é verificar como o modo de se vestir e de se alimentar, tão diferente nas várias culturas, está se homogeneizando. Não é raro ver na África ou na Ásia, pessoas vestidas como os ocidentais, com garrafas de Coca-cola sobre suas mesas. As vestes e os alimentos originais ainda existem, porém, em geral, principalmente entre os imigrantes, são usados nas celebrações das festas particulares dos Países, das Regiões e dos grupos sociais de pertença.

As pressões da massificação atingem sobretudo os adolescentes e os jovens que, não tendo ainda uma identidade pessoal elaborada, são mais facilmente manipulados, contudo, os adultos também não ficam ilesos. E são funcionais ao consumo. As multinacionais, tendo o controle da mídia, possuem um poder que ultrapassa o poder político e quando têm um produto a ser comercializado ou uma ideia a ser propagada, encontram a marca publicitária capaz de persuadir pequenos e grandes. Pesquisas sérias, pouco divulgadas porque *perigosas* e/ou pouco lidas porque não atraentes, demonstram como os meios de comunicação social têm um fortíssimo poder persuasivo. Se algum dia, uma/um se pusesse a observar um grupo de adolescentes esperando à entrada da escola, veria todos ou quase todos usando *jeans* da mesma cor e mais ou menos do mesmo modelo, frequentemente com a mesma postura e com o celular pronto para enviar e receber mensagens. O modo de se vestir, as atitudes, a utilização das mesmas tecnologias, podem favorecer a massificação do modo de pensar e de agir ou são uma manifestação dela?

As comunidades religiosas são micro-grupos que vivem dentro do vasto grupo social respirando o mesmo ar, portanto, não estão isentas do risco e das tentações da massificação e do consumismo. A mentalidade do **descartável**, por exemplo, já é bastante generalizada. O uso de copos e pratos de plástico, de guardanapos e lenços de papel, de algumas roupas e outros, parece ser óbvio e justificado. Realmente, estes produtos são facilmente encontrados no comércio, custam pouco e economizam tempo e trabalho. Sabe-se, mas não se adverte ainda suficientemente o perigo da poluição do ar e da água que a eliminação dos resíduos provoca. Nas nossas cidades as lixeiras se tornam cada vez maiores e mais numerosas, mas nem sempre são suficientes.

Os membros dos grupos sociais, incluindo as comunidades religiosas, além das pressões externas, estão sujeitos também às internas do grupo de pertença. Não faltam nas comunidades, pessoas que têm influência positiva, mas há também as que arrastam para baixo. Estas últimas, algumas vezes, têm um poder de arrastar mais forte que as outras no sentido de que, escolhendo o mais fácil, negligenciando as exigências comunitárias de ajuda e assumindo às vezes uma atitude de superioridade diante daquelas que se sacrificam, podem parecer mais evoluídas, mais livres, mais modernas. Na realidade são mais retrógradas, mais egocêntricas. Ainda não chegaram àquela maturidade e sabedoria humana que capacitam para prover as próprias necessidades sem negligenciar as dos outros.

Pode-se observar nas comunidades numerosas, certa tendência a seguir o andamento geral e o timbre dado pela diretora. Há alguns anos atrás uma irmã me fazia ver, penalizada, como sucedera uma diminuição das presenças à meditação com a mudança da diretora, embora, seja como for, grande parte da comunidade continuasse presente. Quem age sob a influência das pressões, é gentil porque todos o são, reage mal porque todos fazem assim, é negligente porque todos são negligentes, **dependendo** do comportamento dos outros, não faz escolhas pessoais e responsáveis. Vive à mercê dos ventos e das tempestades.

O rumo da massa, da maioria, querendo ou não, condiciona um pouco todas/os tanto positivamente como negativamente. Comportar-se como a maioria é normal. Mas, ser positivo ou negativo depende das **escolhas** que a pessoa faz. Se uma pessoa se veste com dignidade porque todas o fazem, não faz escolhas livres, simplesmente segue o rumo dos outros. Mas se o faz porque tendo elaborado a sua identidade de mulher consagrada ou casada, sente que aquele é um modo de expressar a sua dignidade, faz escolhas pessoais, responsáveis, livres.

É esta a motivação da pessoa massificada: **todos fazem assim**. Na escuta das motivações, colhem-se frequentemente expressões deste tipo: "Por que não devo usar copo de plástico se isso ajuda a economizar tempo e trabalho e todos fazem assim?" "Por que consertar as meias? Custa menos comprá-las. Por que não posso pagar um desprezo com a mesma moeda? Devo dizer

aquilo que penso. Não sou boba”. E coisas do gênero. Pode-se sentir pena diante dessas expressões, ditas por pessoas adultas convictas de que são evoluídas quando, ao invés, se demonstram como personalidades fracas que ainda não superaram alguns estágios infantis.

Em nossas comunidades, não faltam pessoas que se orientam pela massa e pelo consumismo. A maioria, porém, tendo elaborado uma sã identidade pessoal com uma sábia capacidade crítica e um sentido profundo da própria dignidade e da dignidade dos outros, faz escolhas pessoais, livres, autônomas, comportando-se normalmente.

Não são poucas as irmãs que **escolhem**, independentemente da troca da diretora e das outras irmãs, estar presentes à oração da manhã porque sentem que na relação com o Senhor encontram a força e o sentido para as atividades, as fadigas da jornada e para a construção da comunidade.

Não faltam aquelas que, sem ser maníacas, reservam um copo de plástico consistente para levar nas viagens e assim não precisam desperdiçar outros. Guardam o copo mesmo se todos fazem o contrário e alguém sorri com ironia. Nas comunidades há também aquelas que, diante das grosserias ou atitudes pouco respeitadas, sabem responder com palavras educadas ou com um silêncio digno que muitas vezes é mais forte que o berro e mais eficaz que um bateboca inconsequente. Não é dito, porém, que quem sabe calar não saiba responder à altura, se a situação o requer e se as pessoas interagem com excessiva agressividade e prepotência. Em geral estas pessoas inspiram confiança e com elas nos sentimos bem.

O grupo **massa** é caracterizado por um aglomerado de pessoas que, mesmo sendo adultas, têm personalidades pouco elaboradas e características ainda infantis: gritam porque todos gritam; compram porque está na moda sair aos sábados para ir ao shopping; descartam as coisas porque todos o fazem; bebem coca-cola por causa da propaganda e da publicidade; vestem-se com desleixo para seguir a moda do momento; respondem grosseiramente porque a maioria faz assim; ajudam os que se debatem nas calamidades naturais só porque a mídia solicita neste sentido; consideram-se importantes porque vestem camisetas de “marca” e, muitas vezes, com propagandas ou coisas do gênero. Perseguem permanentemente aquilo que promete – sem dar – sucesso e felicidade. Não sabem fazer escolhas pessoais. Acreditam que são livres ao passo que são manipuladas e escravas das pressões externas.

O grupo **comunidade**, tanto o religioso como o familiar, difere-se do grupo massa no sentido de que as pessoas que dele fazem parte o fazem por escolhas pessoais e livres. No curso de sua vida, sendo capazes de aceitar com humildade toda a sua história com o bem e o mal, as vitórias e as derrotas, elaboraram uma identidade pessoal sólida que permite entrar em relação sem se confundir, observar coisas e acontecimentos com uma adequada capacidade crítica de discernimento, tornar-se conscientes dos condicionamentos para escolher, com responsabilidade, o modo de superá-los. Embora sempre em evolução com os normais altos e baixos, as pessoas das comunidades que alcançaram este estágio, potenciam-se reciprocamente no sentido da identidade, da responsabilidade e do respeito. Crescem juntas na consciência da própria dignidade de pessoas que vivem e se comunicam com outras respeitosamente e com simpatia.

Segundo as teorias psicológicas, pode-se chegar a este ponto através de uma plena maturidade humana. Portanto, a fé, a abertura a Quem nos quis únicos, potencia e completa o humano; ajuda a superar as dificuldades da interação interpessoal; ilumina para discernir aquilo que vale; reforça a constância para que não se perca a fé, pois, mesmo num mundo marcado por condicionamentos pesados, pode-se passar da massa para a comunidade, podem-se ainda construir comunidades fraternas de pessoas livres.

*rossi\_maria@libero.it*

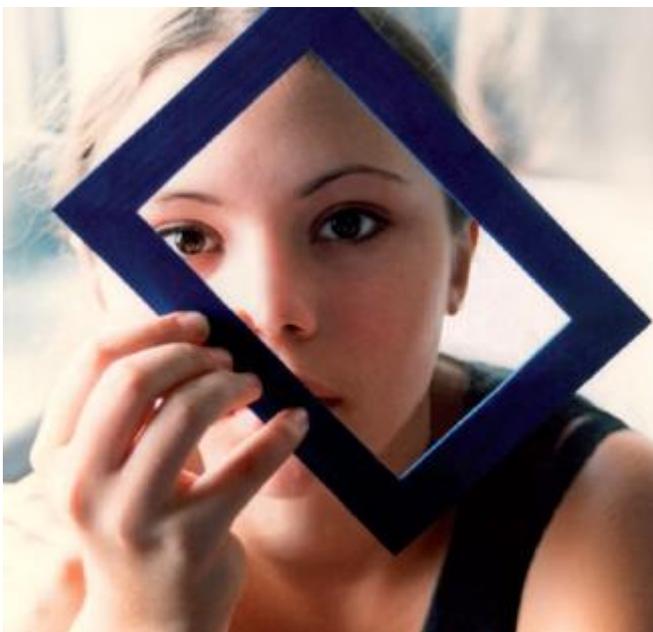
## ANEXO DMA

# *Uma carta para ti!*

*Sim, o estudo ajuda.  
É formação para a vida.  
É crescimento para a nossa liberdade.*

**Pesquisar é presentear-se com o tempo precioso para compreender questões oportunas, para vivenciá-las e amadurecê-las, para permitir-lhes conduzir-nos às respostas e a outras questões.**

**Caro amigo, cara amiga, gostem de pesquisar com todas as suas forças. As respostas virão.**



**Conhece-se só aquilo que se ama, compreende-se só o que se torna objeto do nosso afeto. Em uma palavra, a paixão é necessária.**

**Textos extraídos de *Honra a tua inteligência.*  
*Carta a um jovem estudante.***

## CULTURAS

# A sabedoria da Índia

*Mara Borsi*

O mestre alegrava-se toda vez que ouvia alguém falar reconhecendo a própria ignorância. E afirmava: «A sabedoria cresce junto com a consciência da própria ignorância». Se as pessoas pediam para se explicar, ele dizia: «Se hoje compreendes que não és tão sábio quanto acreditavas ser ontem, isto significa que és mais sábio hoje».

### *Querer menos*

«Sou um homem do mundo, para quê a espiritualidade pode me servir?» - perguntou o rico mercador. «Pode te ajudar a ter mais» - disse o mestre. «E como?». «Ensinando-te a querer menos».

### *Manteiga no leite*

Um jovem visitou um velho sábio que vivia numa cabana à margem de um rio. O jovem cumprimentou o velho e perguntou se podia fazer-lhe uma pergunta importante. «Naturalmente filhinho» - disse o sábio. «Onde posso encontrar Deus?». O velho sorriu: «É uma pergunta difícil para nos deixar dormir mas, amanhã, traga-me uma tigela com leite».

No dia seguinte o jovem apresentou-se com sua tigela de leite. O velho acolheu-o, agradeceu-lhe pelo presente e começou a mergulhar a palma da mão no leite. E continuava a remexer o leite com a mão. O tempo passava e o jovem diante daquela estranheza perguntou: «*Guruj*, o que você está procurando?». «Ouvi dizer que há manteiga no leite. Estou procurando a manteiga». O jovem não conseguiu conter o riso: «Mas, a manteiga não está separada do leite, faz parte dele. É preciso transformar o leite em yogurt e em seguida bater o leite para obter a manteiga». «Ótimo, disse o velho. Agora vá e bata o leite da sua alma até encontrar Deus».

## Entrevista com Sahaya Sangitha Rani

**Pertenço à Inspeção de Bangalore, Índia. Sou FMA há 7 anos e neste breve tempo, tive a oportunidade de conhecer as diversas culturas da Índia, através da missão educativa.**

**Quais são os valores de sua cultura que você mais aprecia?**

**O valor da unidade na diversidade.** Na Índia temos 30 línguas e 2000 dialetos, que se referem a tradições culturais diferentes, cada uma com seus usos e costumes; diferentes religiões com ritos e cerimônias ricas de cores e de símbolos. Esta diversidade harmoniza-se e se compõe com um forte sentimento de patriotismo.

Na minha cultura valoriza-se muito a dança e a música; 8 danças e 2 músicas clássicas são reconhecidas como sagradas, educativas e formativas, capazes de transmitir tradições, histórias, etc.

Outro valor que admiro é a profunda espiritualidade presente em cada religião, a partir da religião Hinduísta. A espiritualidade indiana cultiva um grande respeito pela natureza. A alma indiana é aberta à transcendência; acredita-se que o Criador supremo tenha colocado cada um de nós neste mundo para uma finalidade: ser compassivos, preocupando-nos em nos amar uns aos outros.

Os usos e costumes fascinam pela graça e pela beleza. A crença popular afirma que os seres humanos, desde o seu nascimento, são predestinados a perpetuar as tradições herdadas dos antepassados. Existem cerimônias e ritos para muitas circunstâncias da vida; quero lembrar por exemplo a cerimônia do nome, a cerimônia para inaugurar uma nova casa, até a relativa ao matrimônio, etc. Jejum e oração são elementos integrantes dos ritos estritamente religiosos.

### **Vivendo num ambiente internacional o que você mais aprecia nas outras culturas?**

No início eu me sentia como se estivesse num outro mundo, mas pouco a pouco foi crescendo o meu reconhecimento ao Senhor pela possibilidade de me confrontar com pessoas provenientes de outros continentes. Particularmente estou gostando muito desta espiritualidade encarnada e vivida de modos diversos. É a Eucaristia que nos une. Nesta experiência percebo que estou me abrindo ao mundo inteiro; tocando com as mãos minha pertença à grande família de Deus. Viver em Roma, centro da Igreja universal, oferece-me a possibilidade de experimentar a riqueza da espiritualidade cristã, sentindo-me parte de uma história que me ultrapassa. As Igrejas, as pinturas, as esculturas relatam a história e a santidade *da Igreja e na Igreja*.

A aproximação das fontes do carisma do Instituto confirma-me no empenho de conservar e difundir o dom da espiritualidade salesiana. Conviver com as irmãs de diversos continentes, idades e mentalidades, ajuda-me a aprofundar concretamente a vida cristã e salesiana. Leva-me a agradecer constantemente a Deus pela minha vocação. Com as irmãs que têm mais anos de experiência na vida religiosa, estou aprendendo concretamente, que é dando que se recebe a verdadeira alegria.

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver esta experiência na comunidade da "Casa Ersília Canta", dirigida por Madre Antônia Colombo, onde a diferença cultural está em harmonia com a fé, a esperança e a caridade.

### **No encontro com pessoas de outros países e culturas, quais dificuldades você experimenta?**

Penso que os preconceitos que cada uma de nós traz consigo constituam uma dificuldade real ao relacionamento. Derrotá-los certamente não é fácil; o empenho pela comunhão é vivo em toda a comunidade e isto encoraja muito e gera confiança.

mara@cgfma.org

---

## **PASTORALMENTE**

# **Coordenação e Testemunho de Comunhão**

*Palma Lionetti, Anna Maria Mariani*

### **A palavra às Palavras**

Num tempo em que a complexidade desafia a realidade, a palavra **coordenação**, isto é, a colaboração entre diferentes agentes e uma organização mais adequada dos recursos diversos, é um dos imperativos a serem assumidos por quem persegue um objetivo e deseja alcançá-lo.

A coordenação é, de fato, a melhor estratégia de ação que permite não dispersar as energias e obter os resultados que diversos grupos se propõem.

O nosso Instituto FMA fala de coordenação desde 1975 quando foi sentida a necessidade de superar setorizações e de animar a ação pastoral pondo no centro a pessoa com seus dinamismos e exigências.

Conduzir à unidade e à convergência os processos, os percursos, os projetos, os grupos de trabalho é um empenho difícil e significativo que exige competência.

O Projeto Formativo e as Linhas da Missão Educativa FMA afirmam: *«Pensar e trabalhar juntos usando uma metodologia de colaboração num contexto de forte complexidade é o pressuposto para um modelo de coordenação em vista da comunhão.*

*Trata-se de uma escolha que ultrapassa a mera organização e que faz emergir a vontade de convergir, para assegurar qualidade à vida e à missão educativa».*

*«A coordenação é uma modalidade de condução que tende a envolver as pessoas segundo um procedimento circular, de modo a favorecer o intercâmbio de recursos e a expressão da criatividade na comunhão».*

## **A coordenação e a comunhão**

A coordenação unifica os recursos em ordem à formação e à missão educativa própria do nosso Instituto na dinamicidade do contexto atual.

O modelo de referência, privilegiando a participação e a subsidiariedade, é o modelo circular e de rede onde todos interagem como pessoas.

Este tipo de coordenação é possível somente quando existe uma clara estratégia de comunicação, uma comunicação capilar, que favoreça a resposta.

Realmente, ninguém se move por alguma coisa que não conhece e na qual não se sinta protagonista. Daqui nasce a exigência de se fazer uma releitura das palavras-chave da vida consagrada como a obediência, a dependência, a autoridade... para procurar compreender seu sentido correto. Realmente, a obediência encontra realização nas pessoas livres, capazes de sua autonomia e de decisão as quais, com senso de responsabilidade, geram a parábola de comunhão da comunidade.

Tudo isso exige uma mudança de mentalidade, que vê na relação de reciprocidade a expressão de uma cultura evangélica profundamente humanizante.

## **Formar e formar-se para coordenar**

A Coordenação exprime o nosso modo de estar no mundo: o eu que desce a estrada, que encontra o tu, e o eu e o tu que se esfregam como madeira e fazem o fogo na noite. Este é também o nosso modo de refletir sobre a mudança do mundo: os tempos estão maduros para projetar comunidades de pessoas diferentes que fazem da diversidade uma riqueza compartilhada destinada a alcançar a missão exclusiva.

A Coordenação é transversal a cada ação e requer competências relacionais e organizativas que sirvam a este propósito; é 'atuação' de muitas maneiras e em cada fase: no projeto, na negociação das metas, na atribuição dos papéis, na condução dos experimentos.

A coordenação exige clareza de papéis e de tarefas bem como requer trabalho conjunto, construção de significados compartilhados, capacidade de construir-se como grupo de trabalho apto a convocar outras pessoas, ampliando a participação e o envolvimento em torno da missão educativa.

## **Comunidade Educativa "ícone" de comunhão**

A Comunidade Educativa exprime e comunica a espiritualidade salesiana vivendo o **envolvimento** de todos os educadores na obra educativa que é a missão compartilhada por todos na articulação dos diferentes papéis. Atua-se de modo complementar de acordo com a identidade, religiosa ou laical, de cada um.

Trabalha-se com otimismo e solicitude.

O reino de Deus é a finalidade deste trabalho em conjunto e para realizá-lo também na terra ocorre um projeto de educação e de crescimento. Em uma sociedade que privilegia a concorrência,

a comunidade em missão percorre o caminho do reforço mútuo, do respeito aos ritmos de cada pessoa, da confiança nos outros valorizando as diferenças, e da colaboração.

A comunhão exige relacionamentos interpessoais maduros e livres, confiança na ação do Espírito Santo que ajuda a superar os conflitos inerentes à experiência de cada dia.

Trata-se de uma comunhão não ideal, mas continuamente construída por todos através da aquisição de competências relacionais, da confiante abertura ao Espírito que predispõe ao amor e que capacita a dar e a acolher gestos de perdão recriando "espaços habitáveis" em que "*fazer com liberdade o que requer a caridade*" (Carta 35, 3) torna-se *o húmus* onde a vida pode florescer.

Mas a comunhão corre o risco de se traduzir numa bela e desacreditada fábula enquanto não se decide a assumir o esforço e a alegria da descentralização para convergir em torno de um projeto compartilhado, amavelmente acolhido e construído por cada pessoa.

A coordenação, portanto, torna-se a forma mais idônea, neste tempo histórico, de expressar uma qualidade natural não só da comunidade educativa, mas também da Igreja em geral, que é precisamente a comunhão.

Praticada em conjunto, como ato tipicamente pastoral, a coordenação torna-se testemunho de comunhão e pode suscitar vocações, a partir do momento em que trazer em si aquela força irradiante que chama a atenção e que faz apelo ao: "*vinde e vede*", do Mestre comum.

Porém, qual é o equilíbrio entre comunhão e diversidade? Este equilíbrio é o testemunho mais atraente de uma comunidade educativa em missão, capaz de ir além dos poucos "devotos" que aderem para sensibilizar e envolver o maior número de pessoas ao processo de mudança.

*palmalionetti@gmail.com*  
*comunicazione@fmairo.net*

---

## MULHERES NO CONTEXTO

# Liderança feminina

***Paola Pignatelli, Bernadette Sangma***

**"Alice na terra do comércio: Tornar-se líder permanecendo mulher"** é o sugestivo título do livro de M. Cristina Bombelli publicado em 2009. Como se pode imaginar pela paráfrase, a autora sustenta que, assim como para Alice no País das maravilhas, ainda hoje, a liderança das mulheres no mundo do trabalho e em outras dimensões da vida, é todo um universo a ser descoberto e revestido com o notável talento feminino.

É interessante pensar que as fábulas possam oferecer motivações sedutoras para a idealização da liderança feminina. Kathleen Bader, ex-Presidente da DOW Chemical, Nova York, afirma que "*o segredo da liderança das mulheres está nas fábulas e isso se aprende no colo da mãe*". Considera Branca de Neve um modelo no qual se deve inspirar para levar adiante uma equipe, colhendo o melhor dos próprios colaboradores. Os sete anões, cada um com suas peculiaridades, contribuíram para a sua salvação. Ressalta a inteligência emotiva de Branca de Neve, que suscita as dinâmicas necessárias para fazer dos seus sete anões uma *equipe vencedora* que lhe salvará a vida.

Hoje, tanto no mundo do trabalho como nas comunidades religiosas, as pessoas não estão mais dispostas a tolerar ordens espartanas, decisões injustificadas e impostas. Pedem formas interativas de decisão baseadas no respeito, no envolvimento e no diálogo.

Para ampliar este tema existe outro livro publicado também em 2009 com o título "*Centred Leadership. How Talented Women Thrive*". O livro reúne o resultado de uma pesquisa de quatro anos efetuada com a finalidade de descobrir que motivações sustentam a liderança das mulheres

profissionalmente bem sucedidas. A pesquisa mostra que a força motriz sustentadora é a resultante de um conjunto de força física, intelectual, emocional e espiritual, que alcança conquistas pessoais e que atrai outras para o mesmo intento. Entrevistaram 85 mulheres de todas as partes do mundo e com suas respostas criaram um modelo com cinco dimensões, estreitamente interrelacionadas. As cinco dimensões são: **sentido**, ou seja achar as energias e colocá-las a serviço de alguma coisa que dê sentido; **gerir a energia**, isto é, saber de onde vem a própria energia, para onde vai e o que se pode fazer para geri-la bem; **otimismo** que oferece um jeito construtivo de olhar o mundo, ampliar os horizontes e ser resiliente quando as coisas não vão bem; **estabelecer relações** com quem pode ajudar a crescer, reforçar as relações e aumentar o sentido de pertença e, enfim, **envolver-se** fazendo ouvir a própria voz, adquirindo confiança em si através da aceitação das oportunidades e dos riscos, em colaboração com outros.

Tendo estes elementos como pano de fundo, apresentamos duas figuras de mulheres líderes que, podemos dizer, são de "nossa casa": Sônia Gandhi, ex-aluna FMA da escola de Giaveno em Turim e Ir. Nancy Pereira, FMA da Inspeção de Bangalore, Índia, falecida faz pouco tempo.

## Sônia Gandhi

"*Sônia Gandhi é uma líder-serva?*" é o título do artigo que apareceu na internet no mês de fevereiro de 2010. O autor cita três mulheres de origem estrangeira que fizeram da Índia a sua pátria: Annie Besant, Madre Teresa de Calcutá e Sônia Gandhi. Esta última, italiana de origem, emerge como a força motriz da atual política indiana, depois da morte do marido Rajiv Gandhi, em 1991. Sônia assume a liderança do partido num momento muito difícil. Como líder da oposição, reconstrói o partido até levá-lo ao poder nas eleições gerais de 2004. Como cabeça do partido, Sônia Gandhi devia tornar-se Primeiro Ministro, mas ela se afasta deixando o lugar a um economista e intelectual Dr. Manmohan Singh, da comunidade de minoria Sikh. Tal escolha espalhou uma mensagem poderosa pelo subcontinente indiano porquanto Sônia Gandhi demonstrou-se uma líder totalmente distante da sede de poder. A autoridade da liderança feminina de Sônia adquire ainda mais peso nas eleições gerais de 2009. O seu partido goza de uma desforra avassaladora e pela primeira vez seu filho Rahul Gandhi torna-se um membro eleito pelo parlamento. Certamente poderia ter passado o poder ao filho, mas preferiu colocar mais uma vez Dr. Manmohan Singh como primeiro ministro. Esta escolha atraiu a atenção de todo o mundo e Sônia foi considerada uma grande mulher com um grande coração, competente e compassiva, simples e humilde.

## Ir. Nancy Pereira

Ir. Nancy Pereira é outra líder quase do calibre de Madre Teresa. Nos anos 90 havia lançado em Bangalore, um "Fundo para os pobres", no estilo do "Grameen Bank" de Bangladesh. Os pobres das favelas e das aldeias eram os clientes do seu banco, cujo escritório restringia-se a uma mesa e uma cadeira, debaixo de uma árvore, com um livro para registrar todos os contratos. A condição para ter o crédito devia ser a demonstração de uma constância na economia de uma pequena soma e participar dos encontros do grupo de auto-ajuda para a gestão dos créditos. O juro era de 2% ao ano para cobrir as despesas operacionais. O ponto cardeal do projeto estava no envolvimento de toda a família. De fato intitula-se *Family Integral Development and Education Acheme*, ou seja, Programa integrado de educação familiar. Trata-se de um projeto que favoreceu a promoção integral de muitas pessoas, famílias e aldeias inteiras. O segredo da liderança de Ir. Nancy estava em envolver e protagonizar os seus pobres.

*paolapignatelli@hotmail.com*  
*b.sangma@cgfma.org*

## **PALAVRAS-CHAVE**

# **Comunhão e Testemunho**

*Bruna Grassini*

*Jerusalém. Em duas horas o sol nasce,  
os disparos serão ouvidos, mas o sol nasce.  
No jardim as flores desabrocham perfumadas.  
Vejam: o sol nasce.*

*Ajoelhemo-nos, rezemos  
junto a Quem não hesitou  
em dar a vida, para que nós pudéssemos  
viver e amar.*

*O testemunho mais confiável  
é a "gratuidade do amor":  
a atenção aos outros, aos diferentes.  
Sonhar é realizar projetos de paz,  
edificar uma sociedade mais solidária,  
mais justa, mais humana:  
"Amai-vos como eu vos amei"  
enriquecei a vossa vida e doai-a.  
Isto é "ecumenismo".*

*(Sínodo dos Bispos, 3ª Assembleia 2010)*

A comunhão na Igreja é baseada nas relações de amor: "Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, também eles sejam um como nós". (Jo 17)

A vida da Igreja deve ser comunhão de "vida no amor, na promoção dos valores humanos, espirituais, sem discriminação de língua e fé, mas na fraternidade".

«Nossas Igrejas são de origem apostólica, foram o berço do cristianismo: terras abençoadas pela presença do próprio Cristo, dos mártires, das primeiras gerações cristãs.

Temos uma grande responsabilidade: manter viva e fecunda a memória das origens, compartilhando com os irmãos a comunhão na paz e na solidariedade»

O ecumenismo requer um esforço sincero de superação dos preconceitos e lentidões, em vista de uma compreensão recíproca. O diálogo ecumênico é empenho de comunhão na busca da verdade.

"A unidade dos discípulos com o Mestre deve continuar entre nós, em todos os tempos". Este é o ensinamento da Igreja. A divisão não só se opõe à vontade de Cristo, mas é também um escândalo para o mundo. Um vínculo estreito une a missão apostólica e o ecumenismo: "Que todos sejam um para que o mundo creia".

A catequese, a formação espiritual, os movimentos cristãos são a base da vida apostólica, especialmente em apoio aos jovens para que saibam enfrentar os desafios do mundo de hoje, conservando viva a memória das origens (cfr. *Instrumentum laboris*).

*grassini@libero.it*

## CARA A CARA

# Para abrigar o mundo

**Maria Antônia Chinello**

**Os círculos da comunicação cara-a-cara têm-se expandido de forma gradual: da relação interpessoal à grupal, da comunicação entre nós à comunicação com o território. Agora o mundo, para um diálogo face a face a partir de coordenadas globais.**

Santo Agostinho dizia que «o mundo é um livro aberto. Quem não viaja lê apenas uma página». O desejo de conhecer, de descobrir, de ousar, pertence ao ser profundo da pessoa.

Remetemos a outros artigos da Revista, que aprofundaram a dimensão de abertura para o “outro” e “para além” do homem e da mulher de todos os tempos.

Aqui pretendemos considerar a relação com o mundo. Mattelart chamou-a de “comunicação-mundo” querendo dizer com esta expressão que não podemos nos esconder atrás do “não conheço”, “não sei”, muito menos do “não me interessa” porque hoje estão para ser mudadas não só as modalidades com as quais se conhece e se aprende, mas aquelas com as quais se informa, se interpreta, se representa a própria existência e o relacionamento com os outros. Em cada fase da vida, ser homens e mulheres significa lembrar-se de que habitamos “localmente” e pensamos “globalmente”; somos “enviados a todas as gentes” e ao mesmo tempo somos enraizados numa área limitada.

Isso implica que dentro da comunidade cada qual cultive um profundo senso de pertença, vivencie uma dimensão de cidadania ativa, de paixão pelo anúncio do Evangelho e que as relações estejam a 360º e, ao mesmo tempo, que se sinta fortemente em comunhão com os homens e as mulheres, com as comunidades cristãs do mundo inteiro, em dimensão pastoral, apostólica, missionária.

Relações pastorais a partir da liberdade interior. Relações missionárias e apostólicas na abertura a todos, na clareza dos âmbitos da vida que caracterizam o mundo de hoje para anunciar e testemunhar o Evangelho com um olhar de predileção aos/às jovens, aos pobres e pequenos, aos últimos e esquecidos.

A Madre, na Circular 912, define a comunidade mística e profética: «Num tempo em que se perderam pontos de referência significativos, é importante oferecer uma morada, abrir-se à hospitalidade, fazer sentir, especialmente às/aos jovens, que são acolhidos, esperados, escutados. Nossas comunidades querem ser casa aberta, sinal de comunhão na Igreja, onde é possível compartilhar experiências de vida, aprender a acolher a Palavra de Deus e ser felizes».

### **Um click... e vai!**

A Internet colocou o mundo ao alcance do... *mouse*. Imagens, sons, cores, palavras, afetos, amizades, intercâmbio de bens, informações, amor, solidariedade, saberes, mas também ódio, intolerância, medo, violência, abuso... correm na rede e se alinham tela após tela, *link* após *link*.

Estudiosos definiram alguns perfis do usuário web: há os *exploradores*, especialistas e curiosos, que procedem ao acaso, atraídos pelas novidades e com muitos interesses; os *sonâmbulos* que, ao contrário, repetem os percursos de costume e à primeira dificuldade ficam encalhados e os abandonam; os *vadios* que usam a Rede como divertimento, jogo sem rotas fixas; os *profissionais*, enfim, que organizam a própria navegação para não perder as informações que buscam e, mesmo sendo abertos à descoberta, esforçam-se para não se mover por acaso.

### **A caixa de ferramentas**

Diante da Internet definida como o “segundo dilúvio”, comparada a um “professor sem rosto” ou a um mega arquivo sem mestres e sem guias, que se constrói em ritmos vertiginosos envolvendo o

planeta num entrelaçamento de interconexões, tem-se a necessidade de crescer na *responsabilidade* e na *liberdade*.

A *responsabilidade* de ser autêntico, de se tornar co-autor, protagonista da comunicação usufruída e produzida, de tecer relações autênticas "cara-a-cara" *também* na Rede; a *liberdade* de permanecer navegador e de não se transformar em náufrago do poder do click que, inconscientemente, a Internet nos põe nas mãos.

Mais que nunca é preciso equipar-se com uma mente capaz de reordenar, selecionar, avaliar, confrontar, escolher, educar ao senso crítico, ao discernimento dos vários aportes culturais, ao conhecimento que amplia os horizontes, ao saber que nutre a alma, ao impulso para a ação que envolve e transforma.

O mundo e a humanidade, que experimentam alegrias e esperanças na realidade *offline* e *online*, encorajam a comunicar e a compartilhar, a agilizar respostas e interações para não se arriscar a que, sentando-se diariamente diante do computador para mandar mensagens e para responder, para navegar e procurar conteúdos, alguns se sintam parte do mundo todo com o qual se relacionam, mas depois tudo termine ali. Com um click, *offline* e *online*.

### ***iBreviary*: a Liturgia das Horas, de bolso**

Quando se deseja um momento de pausa, de reflexão, de silêncio em meio aos ritmos frenéticos que os empenhos cotidianos impõem, *iBreviary* pode ajudar a rezar. É um aplicativo católico gratuito, realizado por um jovem pároco italiano, Pe. Paulo Padrini, e por Dimitri Giani, aperfeiçoador do *iPhone*. O aplicativo funciona no *iPhone* e no *iPad*.

Além da Liturgia das Horas, *iBreviary* contém o lecionário e o missal (em rito romano e ambrosiano) completo, em 5 línguas (italiano, francês, espanhol, inglês e latim), algumas seções dedicadas aos Santos e às orações da tradição católica.

*iBreviary* substituirá o missal sobre o altar e o breviário na oração? «Não – responde Pe. Padrini -. Os textos de papel nunca desaparecerão. Queremos só oferecer um suporte a mais ao serviço do sacerdote e do fiel». Um aplicativo "confortável" para quem deseja rezar onde quer que se encontre.

*mac@cgfma.org*

---

## **COMUNICAR A FÉ**



Em artigos anteriores descobrimos como é difícil a comunicação entre as pessoas e como é grande o desafio que nos é proposto.

É portanto fácil imaginar como seja complicado compreender a comunicação divina. E se constatamos a importância da comunicação entre os seres humanos, é evidente quanto seja fundamental a comunicação divina.

Por isso é inevitável perguntar-nos: como é possível fazer esta experiência?

O ser humano tem a capacidade de fazer uma experiência comunicativa para além daquela especificamente terrena? Pela minha experiência e pela *história da salvação* da humanidade creio que isto seja possível. Antes, acrescento que é precisamente esta comunicação com Deus que permite aos seres humanos ampliar consideravelmente os horizontes da própria vida. Para compreender tal consideração quero relatar o testemunho de uma jovem brasileira do Amazonas, minha ex-paroquiana.

Era uma noite muito chuvosa, tipicamente equatorial, há sete anos atrás. Por volta das oito e meia da noite eu estava absorto observando e contemplando o muro da igreja paroquial, em construção, iluminada pela luz da rua. Improvisamente surge quase do nada uma jovem e pede para falar comigo. Eu não hesitei nem mesmo um segundo e começamos a conversar ali onde estávamos, pois, naquela época eu não tinha sequer um escritório. Lembro-me muito bem que chorava quando começou a falar. Disse-me que não compreendia mais a sua vida; o último namorado tinha sido uma total desilusão e sua família não demonstrava compreensão. "O que posso fazer de minha vida?", perguntou-me. Espontaneamente eu a abracei, confortando-a, e lhe disse: "E se Deus quisesse dizer-lhe alguma coisa? O que você pensa de fazer uma experiência de oração e de conhecer alguma realidade de mulheres que se consagraram ao Senhor?".

Ela aceitou prontamente.

Desde então, de vez em quando a jovem me procurava para me contar a sua nova experiência de vida, iluminada pela Palavra de Deus; e um belo dia, durante uma de suas visitas, disse-me que havia decidido seriamente fazer-se religiosa: pouco tempo depois entrou no convento. Por algum tempo eu a perdi de vista, também porque havia trocado de paróquia, e nada mais pude saber sobre ela. Passaram-se cinco anos e, de improviso, a jovem reapareceu enquanto eu me preparava para celebrar a Missa.

Ao me ver, começou a falar em voz alta, quase gritando, para manifestar toda a sua alegria e felicidade. Abraçou-me e me agradeceu de coração por eu ter sido o seu primeiro diretor espiritual. Lembro-me que me disse: "Padre Cláudio, dentro de pouco tempo farei meus votos religiosos. Sou agradecida por tudo e pelo encontro daquela noite. Quando algum problema ou desafio me abate, lembro-me sempre do início do meu percurso espiritual, quando o senhor me ajudou a descobrir minha vocação. Tudo isso me encoraja e, com a graça de Deus, consigo superar as dificuldades e me sentir sempre mais amadurecida; um dos empenhos cotidianos mais preciosos que assumi é o aprofundamento da minha espiritualidade, procurando, com insistência, fazer crescer a minha intimidade com o Senhor Jesus".

É visível nesta jovem a vontade de se comunicar com Deus, e foi isso que a levou a uma completa mudança de direção em sua vida. Aquele encontro, numa tarde chuvosa, foi cheio de tristeza e de lágrimas, mas hoje desabrochou numa explosão de alegria. O rosto daquela jovem está sempre impresso em mim: um verdadeiro ícone de felicidade. Por isso, digo, tudo se transforma, tudo é possível para quem consegue construir sua comunicação com Deus. Tenho a certeza absoluta de que esta jovem religiosa realizará grandes coisas em sua vida. O único e grande instrumento para se chegar a esta experiência de comunicação com Deus é sem dúvida a *oração*, corretamente definida pela jovem: "*intimidade com Jesus*".

Certo domingo, depois de haver terminado uma reunião de comunidade, quando praticamente todos já estavam se retirando, minha coordenadora teve a ideia de convidar o grupo para a oração da Liturgia das Horas. Uma senhora, assim que recebeu o convite, respondeu: "Eu aceito com certeza, pois, sou louca para rezar!".

Realmente podemos dizer que quanto mais aumenta o nosso desejo desta presença do Senhor em nossas vidas, tanto mais é natural que cresça em nós uma vontade *louca* de rezar, como havia dito aquela senhora. É precisamente a oração que nos abre novos horizontes e novas expectativas de vida. Por isso não há limites de idade e ninguém deve sentir-se excluído. Creio que a pessoa, a partir desta prática, torna-se ainda mais humana e mais completa.

Isto, podemos com tranquilidade concluir, é realmente Comunicação divina.

*clpighin@claudio-pinghin.net*

## **8 – VOCÊS, O QUE ESTÃO DISPOSTOS A FAZER? - Vários diretores, França, 2008**

O projeto *Eight (OITO)* nasce para favorecer o conhecimento de uma importante iniciativa assumida em setembro de 2000 pelos 191 Países membros da ONU que se empenharam em alcançar, até 2015: oito objetivos para reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento dos países mais pobres. Apresentado em 2008 no Festival de Berlim venceu o prêmio especial "Cinema pela Paz", mas somente dois anos depois foi distribuído e se tornou disponível também em DVD (21 de abril de 2010).

Este filme coletivo foi visto em primeira mão em Roma na presença dos seus autores: 8 grandes mestres unidos pela paixão comum de querer contribuir na promoção de um futuro melhor. Cada um concebeu e filmou uma história diferente ligada a um dos objetivos, entre a África e a Islândia, a Alemanha e os Estados Unidos, a Austrália e a Amazônia, dando voz a esperanças e dramas coletivos, com a alma e a competência do artista, com a emoção do narrador. "Um verdadeiro filme composto de oito relatos diferentes, criados com plena liberdade por cada um dos artistas envolvidos", escreveu a crítica internacional. O resultado geral é, obviamente, não homogêneo. Isso porque em parte está condicionado à mensagem que se quer e que se deve veicular, como também porque está vinculado e dependente da plena liberdade interpretativa de cada artista. A operação resulta porém "de altíssimo valor social" como muito bem salientou, de modo unânime, a imprensa: "Um filme para transformar o mundo, para torná-lo melhor" – mas acrescenta também: para lembrar à ONU as promessas feitas e até agora não mantidas.

### **Um colar de pérolas para recapitular os Objetivos do Milênio**

Oito anos depois das declarações da ONU, a sinopse dos oito curto-metragens incorpora os Objetivos de Desenvolvimento propondo-os e apresentando-os como segue.

**1. Eliminar fome e pobreza: "Tiyra's Dream".** Filmado em Addis Abeba, leva-nos a uma pequena escola rural da Etiópia onde os Objetivos do Desenvolvimento estão sendo explicados para as crianças. Enquanto isso um dos pequenos olha para fora, onde alguns companheiros estão jogando rugby. "Para mim é importante informar sobre a pobreza na África – declara o seu diretor – mas quis afastar-me da visão televisiva exclusiva que se dá do problema interessando-me sobretudo pelo futuro, pelo cultivo da consciência das crianças".

**2. Assegurar a instrução primária: The Letter.** Filmado em Reykjavik (Islândia) tem como protagonista um pai que, no curso de um dia normal, lembrará que a instrução é a única maneira de ser livre. Isto é o que pode entender de seu filho e o que é dito na carta que chega no início do episódio.

**3. Alcançar a igualdade de gênero: How Can It Be?** "O meu filme foi inspirado numa história verídica", explica Mira Nair, a diretora indiana que filmou sua história em Brooklyn. As mulheres de véu são sempre identificadas como pessoas sem direitos, mas as burkas são símbolos poderosos de identidade e sob elas são seres humanos que estão. Quero salientar que a liberdade não é um presente embrulhado com uma fita bonita..."

**4. Reduzir a mortalidade infantil: Mansion on the Hill.** Foi filmado em São Francisco (USA) e dirigido por Gus Van Sant. sobre imagens de jovens americanos que jogam, curtindo a liberdade e o entretenimento, contrapostos à dolorosa realidade das estatísticas sobre a morte de crianças e de recém-nascidos.

**5. Melhorar a saúde das gestantes: The Story of Panshin Beka.** É ambientado na Amazônia com um episódio filmado em branco e preto que está entre os mais tocantes de toda a obra.

**6. Combater a AIDS, a malária e outras doenças: SIDA.** Ele está localizado em Ouagadougou, Burkina Faso. "Eu parti sem roteiro – diz o autor Gaspar Noe – levei quatro pessoas contagiadas pelo vírus para contar como se relacionam com a doença. Uma me pareceu mais emblemática e escolhi mostrar aquela, entrelaçando com os pensamentos da protagonista morte, linhagem e religião".

**7. Assegurar a sustentabilidade ambiental: The Water Diary.** É de Jane Campion, filmado em Cooma (Austrália). "Eu não escolhi este objetivo – confessa a conhecida diretora – ele me foi dado. Para nós australianos a água é fundamental e o problema de sua escassez é de suma importância.

Cresce o número de pessoas sensíveis a este tema, portanto pareceu-me justo fazer este filme não somente para a minha terra.

**8. Sustentar o desenvolvimento global: Person to Person.** É o último, agudo e propositivo segmento assinado Wim Wenders.

Estamos em junho de 2007: o G8 é em Berlim. Os manifestantes indignados protestam por causa das promessas não cumpridas pelos líderes mais poderosos do planeta. Enquanto isso, numa sala de direção televisiva, os operadores interrogam-se céticos sobre o serviço a ser escolhido e colocado no ar, a respeito dos Objetivos do Milênio.

A situação se resolve com uma ideia memorável e magistral do diretor – mas também mestre: o “Boca-a-boca”.

## PARA REFLETIR

**O objetivo do filme:** Através das misérias e problemas do mundo, levar o público – como lembra o episódio de Wim Wenders, talvez o mais revolucionário dentre todos os relatos – não só para suscitar piedade e obter caridade, mas para que ele veja, os que são mais infelizes que nós, como pessoas capazes de criar, construir e de se desenvolver, assim como nós.

A primeira coisa que a obra se propõe, e consegue transmitir, é que os Oito diretores provenientes das mais diferentes realidades uniram-se para difundir no mundo os oito objetivos que em setembro de 2000 as Nações Unidas *não só se deram, mas “nos deram”*. Lembra a todos que o conhecimento e a consciência compartilhada é o primeiro passo para um possível progresso que interessa e envolve a humanidade inteira, em toda a sua extensão.

A obra visibiliza que o que serve a estes povos, muitas vezes, não é somente a esmola, mas sim uma ajuda concreta para que possam recomeçar a caminhada em direção a um desenvolvimento e a um futuro deferente, melhor.

**O sonho do filme:** A mobilização de todos. Orientar cada pessoa a agir, a se fazer ouvir e a assumir em primeira pessoa um trabalho de sensibilização coerente, desenvolvendo solidariedade e corresponsabilidade.

Este filme dirige-se ao público – explica um dos diretores, Wenders, - mesmo se a solução dos problemas colocados esteja nas mãos dos governos. Para que as pessoas possam compreender a urgência dos objetivos do novo milênio e a conseqüente responsabilidade dos governos que deveriam respeitar as próprias promessas. É um filme que pede ao público para existir e se tornar co-protagonista, lembrando aos Grandes que se os Países se comportassem como as pessoas, talvez as coisas não estivessem assim no mundo e que o bem de todos torna-se bem pessoal. Certamente um filme não pode mudar o destino da África e/ou dos outros continentes, mas pode ao menos obrigar-nos a refletir.

---

## ESTANTE VÍDEOS *por Mariolina Parenteler*

### O pequeno Nicolás e seus pais

*Laurent Tirard – França - 2010*

Este simpaticíssimo filme inicia-se com o título de um tema que a professora de Nicolás escreve no quadro e o encontra totalmente desorientado. Ele, em vez, se fecha feliz no primeiro andar dizendo a si mesmo o que uma vizinha expressa com satisfação: «Estranho,... neste momento lembrei-me do tema da professora: “O que vocês farão quando crescer”. Agora eu já sei: fazer as pessoas rir!». É baseado no livro “O pequeno Nicolás” de René Goscinny (1959) enriquecido pelo desenho atraente do ilustrador Jean Jacques Sempé que o diretor transforma numa deliciosa comédia. Ambientado nos idos anos 50, a dimensão na qual se movimentam Nicolás e seus companheiros de classe “cotidiana e fabulosa, prosaica e simbólica ao mesmo tempo” – já amplamente experimentada pelo cinema francês – pode não agradar outros contextos, sobretudo o público mais jovem. As sequências em que os pequenos protagonistas se soltam em malandragens e desastres são pouca coisa diante das iniciativas catastróficas de outros personagens semelhantes. Falou-se de uma França “indecisa e paradoxal” que, exatamente no final dos anos Cinquenta

“descobria os afãs de uma modernidade e de um sucesso buscado a todo custo”. Disse-o bem a sequência dos pais ‘tragi-comicamente’ empenhados em preparar cenas de promoção também com o chefe. Certamente o mundo dos adultos filtrado pelo olhar de Nicolas e de seus companheiros de escola parece ridículo na sua tentativa de adequar-se aos presumidos modelos sociais. Trata-se de uma comédia de costumes – lembra a Avaliação Pastoral – com roupas acertadas principalmente graças à bravura dos intérpretes, incluindo as crianças e Nicolas, que deve lidar com a temida chegada de um pressuposto irmãozinho que derrubaria sua liderança em família.

---

## **Despedidas**

*Yojiro Takita – Japão – 2010*

A história começa contando que – dissolvida a orquestra na qual tocava o violoncelo – o jovem Daigo junto com a mulher Mika deixa Tóquio e se transfere para o campo. Aqui, tendo lido um anúncio para um trabalho de ajudante apresenta-se e, depois de apenas um olhar, Sasaki, dono da agência, o admite. A esta altura Daigo descobre que o seu serviço consiste na preparação cerimonial dos corpos antes da cremação. De início sente náuseas, mas pouco a pouco é tomado pela harmonia daquelas “despedidas” e cabe a ele, com sua habilidade gentil, conferir dignidade e beleza a elas. Porém, a profissão é considerada impura, os amigos não o cumprimentam mais, a mulher o abandona e somente no final de tudo vai se recompor, numa nova viagem de adeus que repara todas as feridas do passado. Poder-se-ia pensar, de imediato, numa história e num tema de rejeição. Ao contrário, os apaixonados pela beleza do cinema ousam insistir repetindo: “Vão ver *Despedidas*” e os críticos o aclamam com títulos relevantes: «Ironia e emoção por uma reflexão não banal sobre o sentido da morte» - “A viagem do adeus com dignidade e beleza: o ex-músico dedica-se ao necrotério».

Em *Despedidas* o tema da morte é tratado com franqueza e delicadeza impensadas. «Nada de macabro – escreve a crítica – mas um hino à interpenetração da vida e da morte numa época em que o adeus final é escondido e negado, porque aponta para os nossos limites e nos lembra os deveres terrenos». Sublinha, por outro lado, o valor do desenlace final da história no qual *Despedidas* torna-se também um hino à reconciliação e ao perdão, reservando o elogio conclusivo ao protagonista: «o extraordinário Masahiro Motoki, uma figura masculina que faz muita falta em nossos dias (...)».

---

## **ESTANTE LIVROS** *por Adriana Nepi*

### ***Eu, Nojoud, dez anos, divorciada***

*Nojoud Ali – Pime, 2009*

É a história verdadeira de uma menina que, sozinha e desamparada, consegue com coragem desesperadora romper com as leis de uma desumana tradição secular: o reconhecimento do direito de contrair matrimônio com esposas meninas, de oito, nove, dez anos.

Não se trata de leis oficiais, sancionadas pelo Estado, mas de costumes enraizados nas aldeias, num contexto, em grande parte ainda tribal, onde as leis são feitas dentro de casa pelos pais e irmãos.

Estamos no Yemem, terra de fortes atrativos turísticos pela beleza dos lugares e a cultura milenária, mas onde a riqueza contrasta com a miséria e com o atraso de grande parte da população.

Nojoud é uma adolescente vivaz e inteligente, que gosta muito de brincar.

Não tinha ainda nove anos quando improvisamente escuta o anúncio de que o seu matrimônio já está combinado.

O pai (um pobre homem frequentemente desempregado) pede ao esposo, três vezes mais velho que a pequena, para respeitá-la antes de exercer os seus direitos conjugais, como provavelmente fazem todos os pais induzidos ao indigno mercado. Mas quem garante que a palavra será cumprida? De fato Nojoud encontra-se à mercê de um homem brutal que desde a primeira noite a aterroriza e bate nela. Durante o dia as horas da menina transcorrem entre fadigas desproporcionais à sua idade e o pesadelo da noite que se aproxima.

Num dado momento, surge a ocasião arriscada de uma fuga. Mas para onde ir? Ouvira dizer que somente o tribunal tem o poder de dissolver os casamentos. Consegue meter-se no tumulto da grande cidade, encontra

o caminho do tribunal e lá... o caso irrompe: magistrados, advogados, jornalistas cercam, escutam a menina e divulgam o fato em nível mundial... Em poucas semanas, Nojoud está livre. Espera-se que a sua coragem possa contribuir para a libertação de tantas meninas da sua idade...

---

## ***Empurre a morte para lá***

*M. Calabresi – Mondadori 2008*

Aqueles anos entre os '60 e 70' do século passado ficaram em nossa memória histórica como "os anos de chumbo". Quase diariamente os jornais noticiavam que brigadas vermelhas haviam matado, ou, "baleado" alguém.

17 de maio de 1972: desta vez trata-se de uma morte anunciada, pressentida por toda uma família, numa lenta agonia.

Depois de uma campanha de calúnias e de ódio, o comissário de polícia Luigi Calabresi é atingido pelas costas. Deixa Gemma, jovem esposa, de 25 anos, mãe de duas meninas e à espera de um terceiro.

O filho, hoje renomado jornalista, percorre ao longo das linhas de uma documentação pormenorizada, a história da sua e de outras famílias, vítimas de uma louca aberração ideológica.

A mesma tragédia nem sempre tem as mesmas reações: há quem não consegue livrar-se do golpe tremendo, agravado por uma atmosfera de indiferença geral e às vezes de dúvida, há quem se refugia em uma dolorosa solidão.

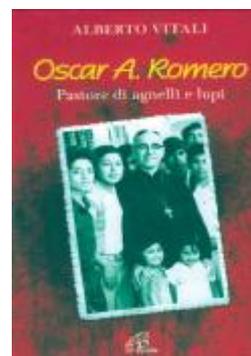
Emerge destas páginas uma nobilíssima figura de mulher, precisamente a viúva de Calabresi, que não se rende, não renega a vida. Ao filho que não pode deixar de lhe perguntar: "Como você fez, mamãe?" ela responde: "...Propus-me a agir diariamente, procurei vacinar vocês contra a preguiça e o ódio, contra a condenação a serem vítimas da raiva...". Uma longa paciência de fé e de amor, plenamente vitoriosa.

---

## **O LIVRO**

# **Oscar A. Romero, Pastor de cordeiros e de lobos**

***Adriana Nepi***



A vida deste pastor mártir está de tal modo ligada aos trágicos acontecimentos de um povo que a sua biografia, enquanto é um exemplo esplêndido de fidelidade à consciência e ao Evangelho, leva a refletir sobre aquele *mysterium iniquitatis* com o qual se depara frequentemente no curso da história. Todos temos um conhecimento razoável a respeito do Bispo Romero e do seu sacrifício mas o fato de idealizar o personagem talvez tenha diminuído sua grandeza.

Um grande exemplo de coragem, um amor aos pobres até o supremo sacrifício: é o que emerge comumente das apresentações que dele se fazem. Este livro suscita no leitor, com a admiração, um sentimento de estupor, semelhante ao que se experimenta diante de um milagre. Oscar Romero não fora favorecido pela natureza com um temperamento decidido e audaz, e sua formação juvenil jamais se afastara dos esquemas de uma tradição não ainda aberta às propostas de renovação, presa a um estilo de religiosidade essencialmente devocional. Totalmente voltado às práticas tradicionais, objetivamente sadias: anunciar a todos, ricos e pobres, o evangelho da salvação, o fervoroso sacerdote e em seguida o zeloso bispo Oscar Romero duvidou durante muito tempo de cada iniciativa destinada a libertar de uma cruel opressão um povo humilde de trabalhadores indefesos...

Foi o encontro frontal com uma situação trágica que lhe abriu os olhos e o fez compreender que precisava mudar precisamente para não ser infiel ao evangelho.

Havia sempre amado os pobres (por ocasião da sua primeira Missa, ao prefeito que lhe perguntara o que queria ganhar de presente, respondeu que nada queria para si, mas ficaria sumamente agradecido se desse de comer a todos os pobres do país), todavia frequentava como amigo a casa dos ricos e dos poderosos. Gradualmente e de modo sofrido foi acontecendo o que se costuma considerar como a sua conversão. Ele porém jamais deixou de se sentir enviado para salvar a todos, pobres e ricos: compreendeu que combater as injustiças, denunciar os crimes perpetrados contra tantos inocentes por uma minoria auto-proclamada cristã mas ávida e obtusa, era o único caminho para salvar oprimidos e opressores: a sua oposição não foi ideológica mas pastoral.

O ano de 1977 devia assinalar uma reviravolta decisiva na vida de mons. Romero. Os seus precedentes de homem fidelíssimo à instituição eclesial e alheio a toda ingerência na política fez com que fosse considerado elemento "não perigoso" quando, em circunstâncias extremamente tensas, tratou-se de designar o sucessor do arcebispo Chavez, demissionário pela guerra desencadeada em torno dele pela ação da oligarquia dominante. A escolha recaiu sobre mons. Romero, com grande satisfação dos poderosos e amarga desilusão para os pobres.

Ele tinha um amigo querido, Rutilio Grande, sacerdote de 49 anos abertamente empenhado na defesa dos pobres: foi o primeiro sacerdote que mons. Romero, depois de poucos dias como arcebispo, viu de perto, crivado de balas, ao ser encontrado o seu corpo junto com os dos dois cidadãos que viajavam com ele. Ao presidente Molina que havia tido o descaramento de enviar-lhe as condolências, respondeu com raiva dizendo que não participaria mais de nenhum ato oficial do governo enquanto o homicídio não fosse esclarecido. E manteve sua palavra.

Muita coisa já havia mudado no seu íntimo, mas aquela morte foi o selo de uma decisão irrevogável. Havia sempre agido com boa fé, com reta consciência: a sua própria consciência lhe indicava agora claramente o novo caminho a ser percorrido. Então, não se tratava tanto de "conversão" mas de coerência. Celebradas solenemente as exéquias das vítimas, convocou uma assembleia plenária do clero e dos religiosos, para decidir o que se deveria fazer à luz dos últimos acontecimentos e aceitou a proposta de celebrar na diocese, no domingo seguinte (quarto da Quaresma), uma única Missa na catedral, que expressasse a unidade da Igreja naquele momento de tanto sofrimento e fosse ao mesmo tempo uma denúncia contra as perseguições vigentes: uma decisão inaudita, que levou ondas de protestos e queixas ao Vaticano. O próprio núncio presente em El Salvador ficou furioso, mas Romero, sentindo-se seguro do ponto de vista teológico e jurídico por ter consultado um especialista jesuíta, por escrúpulo, ficou inflexível. Quando chegou o domingo 26 de março, mais de cem mil pessoas compareceram à praça da catedral e arredores, enquanto no altar, em torno do seu bispo, apinharam-se quase todos os sacerdotes da diocese. Seguiu um surto de calúnias e de injúrias, chegou-se ao ponto de publicar uma oração pela salvação de sua alma... Enquanto isso sucediam-se os assassinatos, as prisões, as torturas, os inúmeros *desaparecidos*... Os últimos três anos foram mais dramáticos. Todo domingo a homilia do arcebispo chegava a cada ângulo da diocese: eram homilias intermináveis, começavam com a Palavra de Deus e depois relatavam tudo o que estava acontecendo no País. Até que se ouviu o último apelo: "...eu vos suplico, vos peço e vos ordeno em nome de Deus: parem com esta repressão!". Na tarde do dia seguinte, 24 de março, a notícia já havia girado o mundo: mons. Romero havia sido assassinado enquanto celebrava a sua última Missa.

Jamais havia se considerado herói ou profeta. Profeta, para ele, era o seu povo. Certa vez, numa celebração onde, segundo o uso local, todos os presentes podiam tomar a palavra, depois de tê-los escutado, falou: "Eu havia preparado uma longa homilia, mas não a utilizarei. Ocorre-me apenas repetir: obrigado, Pai, porque revelaste estas coisas aos simples e as escondeste aos doutos..." E confidenciava depois ao seu acompanhante: "Estes cidadãos comentam a Palavra de Deus melhor que nós..."

..... Um movimento como estratégia

**CAMILLA**



## O sonho de Camilla

Caras irmãs, a aventura de Camilla está para terminar! Pois bem, sim, a cortina se fecha, as luzes se apagam! Depois destes longos 18 anos, a pobre, velha Camilla retira-se e se prepara para “a vida melhor...”

Ela agradece de coração suas leitoras afeiçoadas, que a amaram e a seguiram até aqui e que talvez a partir de agora a chorarão com saudades! Mas por outro lado, sabe-se que tudo passa! Pensei longamente neste último adeus. Em como fazê-lo. Deixar um testamento espiritual? Não, não sou tão importante! Dar conselhos? Se eu fosse uma superiora, poderia fazê-lo, mas não sou! Rever os textos tratados nestes anos? Muito complexo! Em suma, pensei e tornei a pensar, decidi que, sendo eu uma filha de Dom Bosco, grande sonhador, poderia seguir-lhe o exemplo, deixando como testamento, os meus sonhos! Não tenho a genialidade narrativa de Dom Bosco. Escrevo-lhes portanto assim, à mão!

**Sonho FMA felizes!** Fora! aquelas expressões um tanto rígidas ditas com dureza, fora! as rugas que escondem tensões e preocupações. Estamos nas mãos de Deus. Ele sabe o que faz! Um sorriso no rosto, dado de coração, vale mais do que cem jornadas vocacionais! Palavra de Camilla! Antes, palavra de Dom Bosco: Ele dizia que “O melhor prato num almoço é a boa cara”!

Nós também fazemos sacrifícios enormes, mas sem uma “cara bonita” para que servem???

**Sonho** casas sempre abertas! E irmãs na portaria de rosto acolhedor e jovial! Em todas as partes do mundo!

**Sonho** que na era da tecnologia e do digital terrestre, do homem em Marte, Júpiter e quem sabe onde, as FMA permaneçam mulheres com os pés no chão, com o coração na mão e os olhos fixos no alto!

**Sonho** FMA jovens com coração bonito e pleno. Pleno de que? De entusiasmo!

Os entusiastas salvarão o mundo!

**Sonho** FMA idosas sem lamentações, e talvez... sem achaques!!

**Sonho** superiores que sintam suas irmãs como um jardim a ser cultivado e a fazer crescer, primeira obra boa sua a ser realizada.

**Sonho** que as pessoas sempre, sempre sejam antepostas às obras!

**Sonho** as Constituições professadas e vividas, porque amadas!

**Sonho** a humildade. A própria, antes da dos outros!

**Sonho** o céu que se une à terra! E que se possa ter sempre uma lembrança grata e afetuosa de quem viveu antes de nós.

**Sonho** a memória, verdadeira forma de caridade!!

**Sonho** muitas rubricas como a de Camilla, onde se possa rir dos próprios limites para aceitá-los e derrotá-los!

**Sonho FMA capazes de sonhar!** Porque o sonho, ou antes ou depois, torna-se realidade!

## NO PRÓXIMO NÚMERO

**DOSSIÊ:** *Sentinela, a que ponto está a noite?*

**PRIMEIRO PLANO:** *Raízes do futuro* A jovem Main

**EM BUSCA:** *Mulheres no contexto* As mulheres e a espiritualidade

**COMUNICAR:** *Testemunhas digitais* Testemunhas digitais



*"Sabe-se falar bem, mas é o coração que fala ao coração,  
a língua só fala aos ouvidos..."*  
(São Francisco de Sales)

# HINO À VIDA

*CUIDE DE MIM  
COMO A PUPILA  
DOS SEUS OLHOS,  
ESCONDA-ME  
À SOMBRA  
DE SUAS ASAS...*

*(SALMOS 17, 8)*

